

A POESIA MARGINAL DE MÁRIO GOMES

Edivaldo Simão de Freitasⁱ

Jinnye Altamira de Paiva Meloⁱ

Resumo

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar um histórico, sob um prisma crítico-literário, da poesia esquecida e marginal do poeta cearense Mário Gomes. Tendo em vista que nortearmos em primeira instância uma noção sobre a problemática do conceito de poesia marginal. Nosso texto apresentará os principais aspectos que caracterizam a arte poética qualificada como marginal, e a partir dela tentar entender a linguagem e a abstração do poeta cearense. Mário Gomes, também conhecido como o poeta-andarilho, apresenta, em sua mais ousada forma de expressar, uma poética do absurdo, um sentir-se existente com o Eu no mundo, esta realidade que ele abraçou através da sua loucura, mas que é também uma organização de conceitos até então inefáveis. A partir daí, tentaremos lançar olhares sob essa poética como um modo de repensá-la, estruturá-la e rearticulá-la como uma mundana poética errante, absurda e que outrora vagueava bêbada e desatinada nos escombros das ruas de Fortaleza. Para tanto, nos nortearmos a partir de uma bibliografia específica e escassa (livros e trabalhos acadêmicos), como Catunda (2003, 2015), Gouveia (2015), Mattoso (1981), Brito (2013), entre outros.

Palavras-chave: Mário Gomes, Poeta-andarilho,.Poesia marginal.

THE MARGINAL POETRY OF MÁRIO GOMES

Abstract

This work has the general objective of presenting a history, under a literary criticism scope, of Mário Gomes forgotten and marginal poetry. Keeping in mind that in a first moment we are going to delineate a notion about the problematic concept of marginal poetry. Our text will present the main aspects that features the poetic art qualified as marginal and based on that we will try to understand Mário Gomes language and abstraction. The poet Mário, also known as wandering-poet, shows us in his experimenting way of expression a poetic of the absurd, a feeling of existence in the world through the self, this reality that he embraced through his madness and that it is also an organization of concepts unspeakable until then. Starting from there, we are going to look into this poetic as a way of rethinking, structuring and rearticulating it as a worldly absurd wandering poetic that once lounged inebriated and adrift in the wreckage of Fortaleza's streets. Therefore, we are going to guide ourselves from a specific and scarce bibliography (books and academic papers), like Catunda (2013, 2015), Gouveia (2015), Mattoso (1981), Brito (2013), among others.

Keywords: Mário Gomes, wandering-poet, marginal poetry.

1 – Considerações iniciais: breve exposição histórica da poesia marginal no Brasil.

O contexto político vigente, datado por volta de meados dos anos setenta, era de perseguição, corrupção e censura a todo tipo de veículo midiático. O governo brasileiro experimentava uma severa e rígida ditadura militar que impedia os meios de comunicação, bem

ⁱ Graduado em Letras (2011) e Filosofia (2015) pela UFC. Mestre em Filosofia (2018) pela UFC. Atualmente cursa o mestrado em Estudos da Tradução pela UFC. Bolsista FUNCAP. E-mail:edyinaudivel@hotmail.com

ⁱ Graduada em Dança (2018) pela UFC. Atualmente é mestranda em Estudos da Tradução pela UFC. E-mail:jinnypm@gmail.com

como uma parcela significativa da sociedade de se expressarem e reivindicarem seus direitos diante dos acontecimentos gerais. Instaurava-se, até então, uma política absurda que interferia nas questões estatais e nas que envolvem o âmbito social, principalmente no tocante ao campo da cultura e da arte (literatura, teatro, cinema, música, etc).

Exigia-se uma reformulação do contexto intelectual. O que passaria a ser dali em diante: se tentariam dar novas margens às funções comunicativas e de expressão e a que bases culturais a sociedade poderia agora se instaurar como meio de expressão. A intenção era compor novas alianças, recompor as funções e passar a impor o que era aparentemente legítimo e que caminhava na contramão do desenvolvimento artístico. A sociedade passaria a ser moldada a novas composições e diretrizes políticas do governo vigente, estabelecendo novas táticas e debates que pudessem dar voz a apenas um seletos público, embora saibamos que essa voz era severamente controlada e falaria apenas o óbvio: leis, regras e ditames que não ferissem a atual postura governamental.

Segundo Hollanda e Gonçalves (1979 / 1980), a situação política que se presenciava se expandia multiformemente: desde a falta de um modelo de articulação nos planos gerenciados pela elite intelectual, bem como a negligência por parcelas de uma política de esquerda. Os discursos eram desanimadores, as práticas ditatoriais demonstravam falta de interesse e o discurso opositivo parecia perder voz na mesma proporção em que via no novo regime um alerta para o que iria se alastrar a posteriori. Ora, desde meados dos anos sessenta já se podia notar essa falta de articulação que impossibilitaria uma revolução social. A esquerda era o alvo, ou seja, os revolucionários seriam os participantes e estavam tímidos. A ideia de revolução fora questionada pela maioria, a população se via sem saídas.

Nesse momento singular, por volta dos anos 60, em importantes cidades no Brasil, e também no mundo, a população sai às ruas. A juventude agora estava interessada em confrontar a situação e o quadro político vigente. A sociedade não aceitava os comportamentos dominantes e exclusivistas. Então, desejava instaurar novas linhas de conduta que abrangessem, por exemplo, liberdade de expressão, algo que ia contra o sistema opressor. Em termos legitimamente políticos e de margem democrática, tanto para a cultura em si como para as movimentações de 1968. Citemos o caso dos movimentos contraculturais americanos que emergiam nas cidades estadunidenses, como também nas regiões da América latina, essa parcela (negros, músicos, artistas, mulheres, poetas) sócio-cultural exigia o direito de poder comercializar entorpecentes, demonstrar afetos homoafetivos, e expressar uma arte engajada em prol da minoria excluída e esquecida pela porção majoritária e dominante na sociedade, tanto européia como americanas. E, como sabemos e introduzimos, a ditadura tentou impedir exatamente que movimentos do tipo ocorressem no Brasil, pois segundo seu

interesse militar eram vistas como desordeiras e anti-civis.

Nesse contexto de barbárie militar e sob uma influência da contracultura que se manifestava em outras localidades mundiais, o Brasil presencia um movimento “rebelde” e que almejava se expressar livremente. Nasce nas terras brasílicas o chamado Tropicalismo que trazia no seu escopo revolucionário: a negação dos mitos nacionalistas e do populismo militante. Tal vanguarda artística pretendia, dentre diversas ações artísticas, lançar uma perspectiva de vida que estivesse engajada na arte, seja ela musical, seja ela nos movimentos teatrais, etc. Embora tenha chegado ao seu fim, o Tropicalismo deixou um legado na cultura da sociedade brasileira e contribuiu em muitos contextos da arte, entre eles, a poesia.

O Tropicalismo foi um modo de olhar o mundo, uma maneira de expor sua linguagem marginalizada e errante. E foi nesse contexto de revolução direcionado às minorias artísticas que em meados dos anos setenta, nasce uma geração de poetas que demasiadamente carrega as marcas desse tempo: os ditos poetas marginais. Ora, nosso intuito nesse trabalho não é fazer um apanhado detalhado sobre os principais poetas, mas trazer um esboço histórico que deu pano de fundo ao que viria posteriormente. A situação do Brasil era crítica, os estados experienciavam mudanças, revoluções mínimas.

Nos anos setenta, duas publicações mimeografadas são marcantes para a poesia marginal: *Travessa Bertalha II*, de Charles Peixoto, e *Muito prazer, Ricardo*, de Chacal. Conquanto, em meados dos anos sessenta e setenta já despontava como um poeta errante uma figura um tanto simbólica da cultura cearense: Mário Gomes, o poeta-andarilho. Nossas páginas seguintes farão um apanhado histórico acerca de sua vida e poesia que, muito embora “sofrendo” da amnésia temporal, traz um sentido meritório para o contexto dos escritos consagrados, bem como dos escritos esquecidos, Mário Gomes está nesse segundo grupo.

2 – BIOGRAFIA DE MÁRIO GOMES: DA SÍNTESE DA LOUCURA À POESIA MARGINAL

Chamamos de loucura essa doença dos órgãos do cérebro que impede necessariamente um homem de pensar e agir como os outros.

Michel Foucault

2.1 – Da vida poética à loucura.

Nascido na capital do Ceará, Mário Ferreira Gomes é mais conhecido como o poeta andarilho. Há uma curiosidade quanto à data de seu nascimento: sua mãe, Dona Nenzinha, sempre afirmou que o filho nascera em 26 de Abril de 1947, embora o registro oficial (a certidão de

nascimento) aponte uma outra data: 23 de julho de 1947. Daí conhecida a anedota sobre ele de que sempre celebrava as duas datas festivas para não causar estranheza ao fato. Tendo passado os primeiros nove anos morando pela cidade de Fortaleza, conclui seus primeiros estudos, tornando-se um doutor do ABC.

Após os nove anos vividos na cidade cearense, os pais se mudam e o levam para residir na cidade de São Paulo. Mário logo é matriculado no Grupo Paulo Eiró. Em São Paulo, o poeta conclui o ensino primário, o que equivaleria nos dias de hoje ao nosso conhecido ensino fundamental. Após os estudos primários concluídos em São Paulo, os pais decidem retornar à cidade natal. Posteriormente, ele finaliza também o ensino secundário no Curso Humberto de Campos, nível esse que se equipara ao nosso ensino médio. A entrada ao curso se deu por um fato interessante. Mário ao se sentir subjugado, quando hospedado à casa de seu primo, argumenta que não iria mais morar lá devido ao tom autoritário que recebera do anfitrião. Nesse episódio, o primo percebeu sua inteligência e de imediato o inscreve no curso, isto é, Mário consegue uma bolsa para estudar todo o ensino secundário.

Ao completar a idade de 18 anos, Mário se descobre poeta. Conta-se que sofrera diversas amarguras quando convivia com o pai, que sempre o tratava com rispidez. Mário esboçou seus primeiros versos em 1965. Catunda (2015) afirma que Mário, após uma disputa corporal com um “amigo”, escreve o primeiro poema. A briga foi porque Mário havia se apaixonado por uma menina e parece que não queria perdê-la para o tal rival. Formou-se, então, a referida confusão. E assim foi o registro inspirado: “Noite calma e violenta, o cão atenta... alguém leva um murro por causa de uma rixa. Em compensação, minha mão incha” (CATUNDA, 2015, pp. 24 e 25). Ora, os primeiros versos metaforizam um gatilho que ia explodir na sua mais ousada mania de ser. O poeta Mário só então havia entendido o percurso que tomaria. E a briga, e a paixão? Ficaram para trás e, desde aquele dia, ele se via desejoso de escrever.

Mário, “inspirado pelas musas”, decide investir na sua primeira obra poética. Ele vai à procura de um emprego para arrecadar dinheiro e, então, tentar publicar. O poeta consegue trabalho numa antiga loja de confecções de roupas chamada Escol. Tendo entrado no emprego, decide juntar um bom dinheiro e comprar roupas, e depois revendê-las por um preço acima do custo inicial delas. Com o dinheiro em mãos, lança seu primeiro livro sob o título de *Lamentações do Ego*.

Segundo nos relata Catunda, Mário fora internado diversas vezes. A primeira vez foi por uma trama planejada pelo pai e seu primo. Ficara 17 dias confinado num sanatório onde chega a ser maltratado pela medicação e pelos excessivos choques elétricos, registra-se não menos que 12 sessões de choques. Mário era esperto, não iria ficar ali para enlouquecer e desatinar por completo. Ora, o jovem poeta tinha apenas 20 anos e estava no início da vida, então trama em fugir, e o faz.

Entretanto, aposenta-se depois de ser internado diversas vezes. E como bem afirma seu amigo e biógrafo:

Essas reclusões intermitentes em hospícios, ao longo de dez anos, foram a maneira que a família encontrou de livrar-se de suas peraltices incômodas ou talvez de tentar, sem consciência disso, ajudá-lo a adaptar-se às regras da sociedade. (CATUNDA, 2015, p. 32)

2.2 – Mário Gomes: da poesia marginal à “estética” errante.

Eu não tenho vocação pra trabalho... não tenho vocação pra trabalhar pra ninguém não. Trabalhar pros outros? E por acaso eu tô com fome? A estrada é fechada? O cara ser vagabundo e louco não é contra lei não, rapaz! Realmente eu sou vagabundo. Vagabundo é o cara que não tem vocação para trabalho nenhum. Eu nunca vi nada bom em trabalhar. Se o vagabundo quer trabalhar ele deixa de ser vagabundo. Vagabundo não precisa de nada. Tem o vagabundo e o malandro. Malandro é o patrão que tem tudo, que manda o trabalhador trabalhar pra ele. Vagabundo não tem profissão nenhuma e não quer emprego em lugar nenhum (GOMES apud GOUVEIA, 2015. p. 87)

Mário Gomes, boêmio, poeta marginal e lenda errante. Parente de todos nós, Mário andarilhava as ruas de Fortaleza tecendo um pertencimento que ecoaria pelo tempo. Seja nas ruas de nossa Fortaleza central, seja nos arredores de nosso velho Teatro José de Alencar, Mário era presença ilustre. No repertório de sua lenda, alguns versos se transformavam em mantra informal do belo: “Beije a boca da noite / E engoli milhões de estrelas. / Fiquei iluminado.” (GOMES, 1999, p. 28). E ele realmente andou por aí, iluminado de estrelas e, tanto quanto pôde, largado. Largado das amarras insanas, das lógicas pré-datadas, das prisões convencionais do aceitável, viveu largado em si e nos outros. Dissolveu-se no centro de Fortaleza como partícula essencial do grito de liberdade que tantos de nós guardamos abafado na rotina que se repete.

A vida boêmia do poeta começou muito cedo, aos 20 anos de idade, quando foi banido de casa e passou a viver errante pela cidade. Ainda, como punição, a própria família o internou em hospitais psiquiátricos e, em uma dessas vezes, ele saiu com uma aposentadoria vitalícia por invalidez e passou a viver com um salário mínimo. Dedicou-se, então, à poesia, apesar de nunca ter se profissionalizado. Não trabalhava, seu escritório era a céu aberto, na Praça do Ferreira, centro de Fortaleza. (GOUVEIA, 2015, p.8)

Ele testificava da poesia com sua própria vida. O que seria viver poeticamente? Ele não foi reconhecido pela classe literária como grande poeta cearense, sua poesia foi marginalizada, seus versos levados ao papel ficaram em segundo plano. Todavia, os versos que traçou com os pés constituíram a lenda poético-errante que tanto encucaram os transeuntes. Tinha algo naquela

liberdade que trazia corporeidade, ritmo e devir próprios da poesia e do fazer artístico. Nosso Mário Gomes foi além de poeta, um grande *performer*. Como aponta Ethel de Paula Gouveia (2015) em seu trabalho de mestrado:

Igualmente em jogo, está um corpo errante lançado à radicalidade de uma existência poética, sem pouso certo ou função social, um gerador ambulante de curtos-circuitos e desencaixes na engrenagem capitalista movida por regras fixas e convencionais de sobrevivência, convivência e invenção. Mário Gomes e sua vida sem rima, desimportante e a-funcional, teimando em existir como afronta e resistência, profanando a ordem vigente, embaralhando os modos de ser e de estar no mundo, abriram passagem para a reflexão em torno da potência de uma imagem política como construção de outros possíveis. (GOUVEIA, 2015, p. 11)

Esse corpo poético-errante nos escapa. Escapa, na verdade, por ser um estado que não se figura no terreno dito sólido das significações convencionais. Mário experencia uma movimentação expansível de novos significados, outros arranjos do ser, uma dilatação proposital e consciente do olhar sobre a vida. Poetas como ele, quantos tivemos, porém quase sempre à margem. À dita loucura. Ao inexplicável. Esse corpo boêmio, desvairado e volátil tem se mantido às sombras, marginalizado em nossas entranhas culturais, adormecido pelo *chronos*. Somos treinados para a ilusão da lucidez, para a qual o remédio é a arte. Lucidez que se dá mais pelo nome do que se dá no corpo, de modo que este é tão louco como lúcido e a linha tênue destinada a separar os conceitos acabou por embará-los ainda mais. No fim, não sabemos o que fazer com essas palavras, senão nos adicionarmos todos ao paradoxo.

É comum, porém, a tentativa precipitada de diluição desse paradoxo em dois polos antagonistas: Os loucos e os sãos. Enxerga-se na declarada loucura do outro a reflexão da própria sanidade, não pela simples visão individual do sujeito, mas porque já lhe cabe a disciplina do corpo útil. Um dito louco já foge ao plano de utilidade que a sociedade procura estabelecer. Segundo Michel Foucault a disciplina fabrica *corpos dóceis*:

“O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. (...) A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'.” (FOUCAULT, 2009b, p.133)

Foucault dirá também que ao mesmo tempo em que a disciplina coercitiva torna o corpo apto e capaz em termos de produtividade vai também exaurindo a potência que poderia surgir das forças do corpo, pois este estará em uma relação de sujeição mesmo que não se aperceba disso. Mário Gomes irá se desvencilhar das lógicas de produtividade, dedicando-se a uma vida em si mesmo, longe do trabalho rotineiro e correndo aos braços da utópica liberdade, a céu aberto, em clamada poesia. O conceito de 'corpo sem órgãos', desenvolvido pelo poeta Antonin Artaud, pode muito bem ligar-se à “estética” errante de Mário, como esse corpo que é livre de amarras e automatismos, envolto na percepção das sensações mais profundas, instintivas e múltiplas. A partir disso, quantas não são as pistas sobre o fazer artístico deixado por Mário e como esse fazer tantas vezes se coloca entre a loucura e a lucidez, participando do paradoxo e refazendo-o em seu devir-arte.

Mário permitiu-se, em vida, uma outra ordem de coisas. Aquelas que guardamos à obscuridade, aos sonhos, aos devaneios, aos lapsos, às epifanias, para lá das coisas que estão dadas. Como disse Deleuze sobre a arte: “Arte, ciência e filosofia querem que rasguemos o firmamento e mergulhemos no caos, só o venceremos a este preço” O poeta, então, nos mostra a vida como obra de arte, como fazer consciente de subversões ao pré-determinado que é, por vezes, nocivo ao espírito. Oscilando entre a loucura e a lucidez ele nos mostra outro modo de existir, através da poesia dos próprios passos, quem sabe mais proeminentes que seus versos. Segundo Foucault, não há um sujeito universal padrão, mas um sujeito que se constitui através de práticas de sujeição ou de liberdade:

(...) penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Sou muito cético e hostil em relação a essa concepção de sujeito. Penso, ao contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural. (FOUCAULT, 2004, p.291)

Mário Gomes se constituiu sujeito de forma autônoma, vivendo efetivamente aquilo que lhe parecia liberdade. Não aceitou ser preso, seja em uma casa, seja em um trabalho, seja em um hospital psiquiátrico, seja no estereótipo de louco. Encontrou uma forma, poética em si, de driblar as demandas externas e reinventar-se. Um de seus poemas mais famosos, o *Ação Gigantesca*, é simbólico para tratar de sua biografia. Analisemos o seguinte poema

Beije a boca da noite / E engoli milhões de estrelas. / Fiquei iluminado. / Bebi toda a água do oceano. / Devorei as florestas. / A Humanidade ajoelhou-se aos meus

pés, / Pensando que era a hora do Juízo Final. / Apertei, com as mãos, a terra, / Derretendo-a. / As aves em sua totalidade, / Voaram para o Além. / Os animais caíram do abismo espacial. / Dei uma gargalhada cínica / E fui descansar na primeira nuvem / Que passava naquele dia / Em que o sol me olhava assustadoramente. / Fui dormir o sono da eternidade. / E me acordei mil anos depois, / Por detrás do Universo. (GOMES, 1999, p. 28)

Uma ação gigantesca, enfim, foi o conjunto de suas práticas libertárias. Devorou o mundo e foi parar detrás do Universo quando cedo se colocou diante do mais próximo de autonomia e autenticidade que encontrou. Foi possível encontrar Mário Gomes, meses antes de falecer, pelo centro da cidade de Fortaleza com uma mala. Que viagem ele faria e o que carregava? Ficaria claro, tempos depois, com sua súbita partida.

Paralelamente, o poeta inventou-se errante, improvisando viagens sem planejamento, a pé ou de carona, e adotando as ruas da cidade, com cada vez mais frequência, como ‘abrigo’ preferencial. Até o último dia de 2014, quando falece, foi assim, à toa, sem trabalho, sem horário, sem chancela e sem planejamentos que Mário Gomes viveu. Imperativo era afirmar a vida. E seu modo próprio de experimentá-la com o máximo de liberdade. (GOUVEIA, 2015, p.8)

Amante das artes e da boemia, Mário Gomes traçou seu trajeto singular no rastro de uma espécie de cartografia sentimental, mapeando e frequentando assiduamente os nichos culturais e literários de Fortaleza, em seus eventos e manifestações de livre acesso. Assim, passo a passo, entre o perímetro central e a Praia de Iracema, sobretudo, desenhou sua errância sem classificação, uma ‘estranha’ vida-poema inventada ao revés, esculpida como forma de resistência e desobediência aos modos padronizados, burocráticos e aprisionadores do viver contemporâneo.

O poeta inventou-se errante, improvisando viagens sem planejamento, a pé ou de carona, e adotando as ruas da cidade, com cada vez mais frequência, como ‘abrigo’ preferencial. Foi em torno das “artes do viver marginalmente e às margens de uma poesia errante” que Mário Gomes realizou, bem como transgrediu corajosamente seu percurso para fora do cognoscível e do que tinha aparência de tranquilidade e morbidez, encarou de frente com a falta de padronização dos sentidos, dos significados, dos significantes torpes para experienciar outros modos de fazer-se no mundo, pensar o mundo e sentir a realidade do mundo. Tendo como escolha a desobediência, ousadia, liberdade. Tendo traçado esboços imperfeitos em sua performance do erro, contaminando-se de afetos e paixões ébrias. Em mente desatinada pensou que nunca seria possível – e nem foi pretensão – alcançar a poesia sublime, embora de aspectos que a colocam na marginalidade, tanto sua poética como sua estética pessoal. Já houvera dito (aparentemente um agouro ou uma premonição?) em um de seus escritos:

Quando eu morrer / Irão distribuir minhas camisas, / Minhas calças, minhas meias, meus sapatos. / As cuecas jogarão fora. / Ninguém usa cueca de defunto. / Irão vascular minha gaveta. / Não encontrar muita poesia, / Documentos e documentários. / Só sei dizer/ Que foi gostoso viver. / Sentir o amor e proteção de minha mãe. / De conhecer meus irmãos, meus amigos. / De vê de perto as mulheres. / Só posso deixar escrito: / “obrigado vida”. (GOMES, 1999, p. 94)

3 – Considerações Finais

Com esse trabalho pudemos traçar algumas pistas do contexto histórico em que surge o poeta-andarilho Mário Gomes sem, jamais, conseguir defini-lo. Falamos um pouco da poesia marginal da qual Mário é um dos principais representantes no Ceará e também passamos pela estética de sua poesia derramada em passos por toda a Fortaleza que nos une. Colocamos em questão, também, os conceitos de loucura, liberdade e lucidez, os quais Mário emaranhou em trajetos que nos escapam até hoje. Concluimos que tanto sua vida quanto seus versos são potências poéticas que ainda habitam Fortaleza em memória.

Referências Bibliográficas

- CATUNDA, Márcio. **Mário Gomes: poeta, santo e bandido**. Fortaleza: Editora AldeiaBook, 2015
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Ditos & Escritos V. Org. e seleção de texto Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2009a.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2009b.
- GOMES, Mário. **Uma Violenta Orgia Universal: antologia poética**. Fortaleza: Multigraf Editora, 1999.
- GOUVEIA, Ethel de Paula. **A vida esculpida com os pés: memórias inacabadas de um poeta-andarilho**. 2015. 176 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social)- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de, GONÇALVES, Marcos A. **Cultura e participação nos anos 60**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1979/1980.
- MATTOSO, Glauco. **O que é poesia marginal?** São Paulo: editora brasiliense, 1981.
- SALLES, Nara. "ANTONIN ARTAUD: O CORPO SEM ÓRGÃOS." **O Percevejo Online**. N.p., Jan. 2010. Web. 09 Julho 2010.
- TRINDADE, Rafael. "DELEUZE: CORPO SEM ÓRGÃOS. In:" **Razão Inadequada**. N.p., 14 Abr. 2013. Web. 09 Julho 2017.